



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 22/09/2017

BRASIL	2
Mercado ganadero en retroceso	2
Alta de los precios mayoristas de carnes bovinas	2
Hong Kong suspenden exportador brasileño por sospecha de falsificación en certificados	2
Crean comisión científica para revisar sistema de inspección sanitaria	2
Autoridades brasileñas analizan utilizar privados en labores de fiscalización agropecuaria	3
FARM reafirmó postura respecto de la vacunación contra la fiebre aftosa en MERCOSUR	3
Rondônia podría ser declarado zona libre de aftosa con vacunación	4
Brasil logró rehabilitación para exportar a Argentina Nuevo certificado sanitario para cortes bovinos.	4
URUGUAY	5
El novillo pesado no se mueve de su cotización Repunta el valor de exportación de la carne	5
Superar el 3.400, por tonelada de carne vacuna: tiempos esperanzadores.....	5
Envíos para cuota 481 elevan precio medio de exportación.....	6
Mercado mundial más favorable para la colocación de carne vacuna Canadá se “despertó” en las últimas semanas.....	6
Acuerdo Mercosur-UE será "un antes y un después" para la ganadería.....	7
Esperan buen acuerdo con la UE para la carne.....	7
El espaldarazo de Estados Unidos Apertura de carne ovina con hueso	8
PARAGUAY	9
La exportación de carne sube 15,5%	9
UNIÓN EUROPEA	9
Entidad de productores europeos Copa Cogeca solicita que no se incluya la carne bovina en la oferta de UE a MERCOSUR – Trascendió oferta de cuota de 85 mil toneladas	9
Entidad irlandesa (IFA) objeta el tratado de UE con MERCOSUR	10
Europeos insisten para que la carne no sea incluida en las negociaciones UE-Mercosur.....	10
Entidad irlandesa (IFA) plantea por baja de ingresos y posicionamiento ante BREXIT	11
USDA pronostica un incremento en la exportación de vacuno de la UE y un parón en las de porcino ...	11
Comunicado de prensa : Entra en vigencia el Acuerdo entre UE y CANADÁ	12
Entidades empresarias piden que se actúe frente a los productos que utilizan el nombre de derivados cárnicos sin contener carne.....	13
ESTADOS UNIDOS	13
Existencias en feed lots prevén incremento del 2 por ciento	13
Aumenta la faena de vacas y toros	14
VARIOS	14
CANADÁ: proyectan ligero incremento en la producción de carnes bovinas	14
TAIWAN habilita nuevamente las exportaciones de carnes bovinas de JAPON.....	15
EMPRESARIAS	15
Marfrig continúa expandiéndose en Brasil	15
BNDES rechaza el cambio de CEO de JBS y los Batista se resisten a retirarse	15
Zé Mineiro, fundador de JBS es su nuevo presidente	16
JBS acciones caen en un día con noticias negativas para los hermanos Batista	17
Mercados liquidan productos de la marca Friboi.....	17
BRF – rehabilitan para exportación una planta	18



BRASIL

Mercado ganadero en retroceso

Sexta-feira, 22 de setembro de 2017 - O viés do mercado do boi gordo é de baixa. Aos poucos, as indústrias têm conseguido recuperar parte da margem que foi perdida desde o começo de julho.

A oferta, sozinha, não tem força para imprimir tal conjuntura baixista. O que existe é a combinação entre compras ligeiramente melhores, consumo patinando e incerteza quanto ao preço da arroba no curto prazo.

Os contratos de outubro/17 e novembro/17 na Bolsa B3, por exemplo, que chegaram a R\$143,00/@, atualmente estão entre R\$138,00/@ e R\$137,00/@. Essa sinalização de um cenário menos atrativo em termos de preços pode fazer o pecuarista, que eventualmente, adia a entrega da boiada terminada, negociar com o frigorífico.

Existe uma quantidade significativa, que chama a atenção, de indústrias fora das compras, bem no meio da semana, comportamento pouco comum. Não há necessidade de intensificar as aquisições, por enquanto.

No mercado atacadista de carne bovina com osso os preços estão estáveis. Já os cortes sem osso caíram 0,3% esta semana.

Alta de los precios mayoristas de carnes bovinas

Sexta-feira, 22 de setembro de 2017 - Em São Paulo o aumento foi de 1,2% nesta semana, de 0,3% no Paraná e de 0,4% no Rio de Janeiro. Minas Gerais foi o único estado em que os preços caíram.

O comportamento diferente do atacado indica que os varejistas têm regulado as compras, ajustando os estoques ao cenário atual de vendas.

Isso fez as margens dos açougues e supermercados melhorarem depois de atingir o menor patamar do ano na última semana.

A diferença entre o preço de compra de venda da carne bovina ao consumidor está em 65,5%.

Hong Kong suspenden exportador brasileño por sospecha de falsificación en certificados

By Reuters September 22, 2017 | Hong Kong authorities on Thursday suspended meat imports from a Brazilian exporter and two producers on suspicions that health certificates had been falsified for 10 shipments of frozen chicken feet and livestock offal.

Some shipments should have only been intended as pet food, Hong Kong's Centre for Food Safety said in a statement on its website.

The center said it was stepping up verification checks of all health certificates for frozen meat and poultry exported from Brazil.

In March, Brazil's police announced a graft probe, known as "Operation Weak Flesh," and accused companies of bribing food inspectors to evade checks, leading many countries to temporarily ban imports from the country and increase oversight.

Hong Kong is a top destination for Brazilian meat and had temporarily suspended Brazil meat imports in the wake of the scandal. The Centre for Food Safety said that all 562 tests of Brazilian meat since March 21 have been satisfactory.

Brazilian meatpackers association ABPA said in a statement that it supported the investigation into falsified certificates, adding that the tests indicated it was an isolated case.

Brazil's agriculture ministry did not immediately respond to a request for comment.

Of the 10 shipments suspected of having falsified papers, eight had been re-exported to the Chinese mainland or Vietnam and one is being held in a container terminal.

One shipment of 27 tons of frozen chicken feet had found a buyer, although authorities said that the product has not been found on sale in local markets.

Crean comisión científica para revisar sistema de inspección sanitaria

21/09/17 - por Equipe BeefPoint O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) publicou no Diário Oficial (DOU) de terça-feira (19) a Portaria nº 112, indicando os membros da Comissão Científica Consultiva em Tecnologia de Produtos de Origem Animal.

A comissão deverá emitir pareceres e fornecer subsídios técnicos-científicos, subsidiar tecnicamente na definição de critérios de processos e elaborar propostas de normas, que contribuam para o aperfeiçoamento da inspeção higiênico-sanitária e tecnológica de produtos de origem animal.

De acordo com o diretor do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (DIPOA), José Vargas, trata-se de comissão de caráter consultivo e permanente, que assessorará todas as áreas do departamento em questões relacionada à tecnologia de produtos de origem animal.



Integram a comissão representantes de universidades, dos laboratórios oficiais, de institutos de tecnologia alimentar e de pesca e de empresas de pesquisa, além de um consultor e auditores fiscais federais agropecuários do ministério.

A comissão foi criada pela Portaria nº 1.699 do dia 1º de agosto.

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Autoridades brasileiras analisam utilizar privados em labores de fiscalização agropecuária

22/09/17 - por Equipe BeefPoint Apesar da reação negativa dos fiscais à medida, o Ministério da Agricultura decidiu propor a contratação de médicos veterinários e agrônomos privados para parte de sua estrutura de fiscalização agropecuária.

Considerada uma “terceirização” pelos fiscais, a ideia é que sempre haja um auditor fiscal do ministério para chefiar a equipe, que poderá ser formada por profissionais privados e paga por frigoríficos ou outras indústrias de alimentos ou produtos agropecuários.

O novo modelo, que pretende transformar a atual Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério (SDA) numa secretaria especial, com autonomia orçamentária, financeira e administrativa, nos moldes da Receita Federal, deverá constar de um projeto de lei ou medida provisória que a Pasta quer finalizar até meados de novembro próximo.

A proposta prevê que as empresas submetidas à fiscalização do Ministério da Agricultura possam contratar esses profissionais privados, que por sua vez seriam gerenciados por uma agência ligada à Secretaria de Defesa Agropecuária da pasta, chamada por enquanto de Operador de Defesa Agropecuária e inspirada no Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS). A ideia será apresentada nesta sexta-feira ao Sindicato dos Auditores Fiscais Federais Agropecuários (Anffa Sindical) e à bancada ruralista do Congresso.

O secretário de Defesa Agropecuária do Ministério, Luís Eduardo Rangel, nega que a atividade-fim de fiscalização será “terceirizada” e diz que continuará a ser carreira de Estado, sujeita a concurso público. Enquanto técnicos de laboratório ou agentes de inspeção, que cuidam de tarefas auxiliares da inspeção, poderão, sim, vir da iniciativa privada.

A medida visa principalmente a amenizar o gargalo da falta de fiscais para atuarem nos frigoríficos do país e responde diretamente à pressão cada vez mais frequente dos importadores da carne brasileira como União Europeia, China e Estados Unidos, ampliada após problemas detectados na esteira da Operação Carne Fraca, deflagrada pela Polícia Federal em 17 de março com foco em casos de corrupção envolvendo fiscais agropecuários e funcionários de frigoríficos.

Mas também será destinada à área de inspeção de produtos animais como um todo – lácteos, ovos, mel e pescado -, mas também a vegetal, que envolve a produção de grãos, por exemplo.

Outra novidade do futuro projeto de lei é a criação de um fundo de defesa agropecuária, que seria alimentado pela cobrança de taxas por serviços da área, como fiscalização de frigoríficos, emissão de certificados sanitários, exames feitos por laboratórios da rede pública do Ministério (Lanagro), entre outros.

A proposta faz parte da estratégia de reformulação da área de defesa agropecuária conduzida pelo Ministério e é fruto de uma ampla consultoria do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) e da empresa Neopública, que acaba de ser concluída. É assinada pelo consultor Luiz Arnaldo Pereira da Cunha Junior, que participou do programa de choque de gestão no mandato do ex-governador de Minas Gerais, o hoje senador Aécio Neves (PSDB).

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

FARM reafirmó postura respecto de la vacunación contra la fiebre aftosa en MERCOSUR

19/09/17 - por Equipe BeefPoint A maioria dos países membros da Federação das Associações Rurais do Mercosul (FARM) reafirmou sua posição de não abandonar a vacinação contra a febre aftosa na reunião realizada na sexta-feira na Expo Prado 2017.

Neste contexto, considerou-se que o Estado do Paraná no Brasil, que planejava parar de vacinar contra esta doença em 2021, pretende adiantar esta medida para 2018, disse o presidente das Confederações Rurais Argentinas (CRA), Dardo Chiesa.

Esta e outras questões foram abordadas nesta reunião em que o chefe da Federação Rural, Jorge Riani, assumiu como presidente pro tempore da FARM.

Os temas da próxima agenda foram discutidos, como as reuniões do Conselho Agrícola do Sul (CAS) e do Comitê Veterinário Permanente (CVP), que acontecerá em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, no futuro próximo. Além disso, a reunião de Brasília, onde terá início a agenda das negociações União Europeia-Mercosul.

Fonte: El Observador, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint.



Rondônia podría ser declarado zona libre de aftosa con vacunación

19/09/17 - por Equipe BeefPoint

Está confirmada para o dia 27 de setembro, às 8h a reunião de trabalho com apresentação do Plano Estratégico 2017/2026 do Programa Nacional de Febre Aftosa, pelo diretor da Divisão de Saúde Animal, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Guilherme Henrique de Figueiredo Marques.

O evento, que foi confirmado pelo secretário de Agricultura de Rondônia, Evandro Padovani, será no 9o andar do Edifício Pacaás Novos com a presença dos secretários de Agricultura do Acre, Mato Grosso e Amazonas.

Tendo em vista a grandeza, a qualidade e sanidade dos rebanhos bovinos de Rondônia e Acre, o Ministério da Agricultura estuda a possibilidade de antecipar a liberação para que estes Estados tornem-se zona livre de febre aftosa sem vacinação de 2018, e, não em 2019 como está previsto.

Ainda no dia 27, Marques, estará na parte da tarde em Ji-Paraná reunido com produtores rurais apresentando o Plano Estratégico de combate à febre aftosa. Entre os dias 25 e 29, técnicos do Ministério de Agricultura sob a coordenação de Fabiano Alexandre, gerente de Defesa Sanitária Animal da Agência Idaron, estarão vistoriando e conferindo em diversas propriedades rurais se as metas estão sendo cumpridas.

Fonte: Diário da Amazônia, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Brasil logró rehabilitación para exportar a Argentina Nuevo certificado sanitario para cortes bovinos.

21/09/2017 - La Nación – GDA | El gobierno argentino le aprobó a Brasil un nuevo certificado sanitario que permite la venta de carne vacuna fresca deshuesada. Si bien el país nortero ya estaba enviando productos para la industria cárnica en Argentina, ahora tiene una posibilidad con este certificado para la carne fresca.

Brasil tiene una condición sanitaria similar a la de Argentina, libre de aftosa con vacunación. Argentina viene exportando al mercado brasileño un producto muy demandado por sus consumidores, como es la picaña (tapa de cuadril). Allí pagan la tonelada entre US\$ 9.500 y US\$ 10.000. El año pasado, Brasil le compró a Argentina 5.457 toneladas, un 17% más respecto de 2015, entre picaña, bifos y colita de cuadril. Fue el quinto destino.

Tanto Brasil como Argentina vienen peleando en conjunto para que la carne vacuna tenga un lugar importante en el marco del acuerdo del Mercosur con la Unión Europea.

En 2012, tras dos años de demora en reconocer un caso de encefalopatía espongiforme bovina, conocida como “vaca loca”, ocurrido en realidad en 2010, Brasil, el principal exportador del mundo en carne bovina, sufrió el cierre temporal de varios mercados, entre ellos el de China. En este contexto, Argentina no dejó de mandarle productos cárnicos para industria, pero no hicieron nuevas presentaciones de certificados sanitarios.

Según datos del Senasa, de Brasil vinieron 3.433 toneladas peso producto en 2013, 2.376 toneladas en 2014, 2.257 toneladas en 2015, 1.999 toneladas en 2016 y 652 toneladas en lo que va del año. Se trata del 0,02% de toda la carne que se produce en la Argentina.

“Volvieron a presentar certificados sanitarios y se les dio; es una reapertura”, explicó una fuente del Senasa. “Antes se importaba, pero cuando fue lo de la «vaca loca» dejaron de presentar los certificados. Para la OIE (hoy Organización Mundial de Salud Animal) fue un caso insignificante lo que tuvieron”, agregó la fuente oficial.

Víctor Tonelli, consultor ganadero, dijo a La Nación que “en el marco del Mercosur es inexorable” que la Argentina le conceda esto a Brasil. “Es un compromiso político. Más que carne fresca puede venir [la importación] para industria”, expresó.

Mercado abierto. “Brasil ya estaba abierto y lo único que se hizo fue sacar un requisito que tenían en la presentación de la documentación”, indicó, por su parte, Miguel Schiariti, presidente de la Cámara de la Industria y el Comercio de Carnes (Ciccra). “Es poco lo que ingresa; tienen mercados que pagan más que la Argentina”, agregó el directivo de esa cámara frigorífica.

En este contexto, en el sector se está buscando dimensionar el impacto de la medida. “No tengo información completa. Si es carne enfriada, no veo ningún peligro. Y si es congelada para la industria (para hamburguesas y salchichas, por ejemplo), hay que ver los valores, los volúmenes y la resolución oficial”, opinó Jorge Torelli, directivo del Frigorífico Mattievich SA.



URUGUAY

El novillo pesado no se mueve de su cotización Repunta el valor de exportación de la carne

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Septiembre 22, 2017 Cortes vacunos lograron los mejores precios en más de un año

El precio de exportación de la carne vacuna se lleva las miradas esta semana. Confirmó el empuje que traía de semanas anteriores y alcanzó su nivel más alto en más de un año. Aunque hay quienes en el mercado entienden que obedece a la salida de Cuota 481 y que no se sostendrá, por primera vez el precio de exportación supera al de 2016 en el acumulado de más de nueve meses del año y con 9% más de carne colocada.

Para la semana cerrada al 16 de setiembre promedió US\$ 3.906 por tonelada, el mayor valor desde mayo de 2016, de acuerdo a los datos que publica el Instituto Nacional de Carnes (INAC). Es decir, 5% arriba del valor de la semana anterior, de US\$ 3.714 por tonelada, que había sido el más alto del año.

Europa es parte de los motivos de la suba, destacan quienes operan en el mercado, con un euro en US\$ 1,2 que refleja una economía que recupera dinamismo. Las cargas para Cuota 481 –vienen retrasadas y se han concentrado en las últimas semanas– es otro factor de incidencia en la recuperación.

También por primera vez en el año el precio promedio de la carne exportada en el acumulado del año supera a la cifra de 2016, con un promedio de US\$ 3.420, frente a US\$ 3.408 de igual período de 2016 y US\$ 3.399 que promedió al cierre del año pasado.

En las últimas cuatro semanas móviles el promedio fue de US\$ 3.712 por tonelada, el valor más alto para cuatros semanas desde comienzos de enero de 2016.

El precio de exportación de carne ovina también está en un momento de firmeza. La semana pasada promedió US\$ 5.011 por tonelada, 25% por encima del promedio de la semana anterior, de US\$ 3.996 por tonelada. Este valor es el mayor registrado desde mediados de agosto de este año. El valor de las últimas cuatro semanas móviles fue de US\$ 4.256.

Techo de US\$ 3,05

El mercado del ganado gordo parece haber logrado la estabilización, con una oferta que sigue escasa y una industria más interesada por vaca que por novillo. La mayoría de los negocios en el novillo pesado se ubican en el eje de US\$ 3 por kilo carcasa, con alguna operación por encima con un techo de US\$ 3,05. En vacas se hacen negocios por US\$ 2,85 de forma fluida y hasta US\$ 2,90 para la especial. Las entradas a planta son de entre siete a 10 días.

El leve repunte que se dio la semana pasada, con distorsiones de cargas por las lluvias, se mantuvo esta semana. De a poco, dijo un operador, va disminuyendo el volumen de ganado en corrales y eso da algo de sostén a los precios.

Los productores siguen reacios a vender por menos de US\$ 3, respaldados por una buena disponibilidad de comida. La firmeza de valores en ganados de reposición también está jugando es la toma de decisiones. Algunos prefieren no vender si no van a reponer.

Mientras el novillo tiene el mismo precio que un año atrás la vaca se mantiene por encima, más firme y más demandada y con un diferencial de precios reducido respecto al novillo.

La preferencia por vacas se reflejó en la faena de la semana pasada, con un aumento en la participación de hembras en el dato semanal. La faena vacuna total disminuyó a 39.378 cabezas en la semana cerrada al 16 de setiembre, 4% menos respecto a la semana anterior y de 8 % frente a igual semana de 2016 cuando se faenaron 42.954 cabezas. Algunas plantas han dado licencia por menor operativa.

Superar el 3.400, por tonelada de carne vacuna: tiempos esperanzadores

20 de setiembre de 2017 El precio de exportación de la carne vacuna uruguaya parece salir del equilibrio en el que ha estado por más de un año. El novillo que por algunas semanas fue ofrecido por debajo de tres dólares para cerrarlo a tres como máximo vuelve a cotizar algo arriba de esa referencia.

El libre comercio con Europa parece tener cierta chance, la apertura de Japón demorará algo más o menos pero está segura.

Lluvias para la primera semana de octubre parecen consolidar definitivamente una buena primera mitad de primavera.

Los datos a seguir a partir de esta semana son los de exportación. El precio de la carne vacuna superando los US\$ 3.900, los de la carne ovina acercándose a US\$ 5.000 pueden ser datos ocasionales pero da la impresión que algo está pasando en los mercados.

Europa justamente es parte de los motivos de la suba, un euro en 1,2 reflejo de una economía que recupera dinamismo.

Del otro lado la exportación en pie sigue firme. Con las cuadrillas kosher llegando a comienzos de octubre da la impresión que la ganadería puede lograr un impulso interesante y que el próximo entore no podría venir mejor aspectado.



Solo el aumento en la probabilidad de una situación Niña pueden poner algo de escepticismo en torno a la apuesta ganadera. Y como algo muy condicional, en los próximos tres meses lo que se espera es que sigan las lluvias generosas.

Envíos para cuota 481 elevan precio medio de exportación

21/09/2017 - Industria sostiene que los US\$ 3.906 por la tonelada exportada es por negocios puntuales.

El incremento de los envíos de carne vacuna uruguaya a la Unión Europea en el marco de la cuota 481 — el cupo de alta calidad para animales terminados a granos durante los últimos 100 días previos a la faena— hizo subir, puntualmente, el precio promedio por tonelada a US\$ 3.906, acercándolo al récord de US\$ 4.000 de años atrás.

Según los datos estadísticos del Instituto Nacional de Carnes (INAC) el precio promedio llegó a US\$ 3.906 por tonelada en la semana comprendida entre el pasado 10 y el 16 de septiembre, donde se embarcaron 8.806 toneladas peso canal por US\$ 34.394.000.

El presidente de la Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay (Adifu), Marcelo Secco recordó a El País que “hay un efecto que es la concentración que el mercado está exigiendo de faena y envíos de cuota 481 en períodos muy cortos. Eso hace no sólo que el precio del ganado sea mucho más alto, sino que a su vez, cuando se carga mucha carne de la cuota 481, que vale dos veces el valor de la tonelada promedio, dispara el precio promedio de la tonelada de carne bovina uruguaya”.

Secco consideró que el precio promedio de la tonelada uruguaya volvería a “sus niveles normales” en la presente y la próxima semana, donde no hay tantos envíos de carne a la Unión Europea en el marco de la cuota 481. “No hay negocios puntuales que estén moviendo tanto el promedio fuera de lo que es el envío dentro de la cuota 481”, afirmó el CEO de Marfrig para el Cono Sur.

Es que para que llegue dentro del nuevo trimestre, la industria frigorífica uruguaya se ve obligada a cargar los embarques de carne vacuna de alta calidad para el cupo 481 en septiembre para que esos contenedores puedan salir de las Aduanas europeas en octubre.

De este modo, no habría tanto peligro de que esa carne enviada al viejo continente no entre dentro del nuevo trimestre, pero esa operativa de embarques limita el trabajo regular de la industria cárnica uruguaya todos los meses. En los últimos años Uruguay viene pudiendo aprovechar a fondo la cuota 481, que cada vez tiene más proveedores, pero la incertidumbre sobre su futuro sigue pendiente, aunque en el horizonte cercano no se avizoran cambios.

Mercado. El CEO de Marfrig para el Cono Sur también analizó el mercado mundial de carnes y dijo verlo con las mismas características que hasta ahora. “Para las malas noticias que se ven, ojalá que esto continúe en forma medianamente estable y ese valor promedio, que en el año estuvo en el eje de US\$ 3.400 por tonelada, podríamos pensar que lo podemos proyectar para adelante”, reconoció.

Secco consideró que, por otro lado, “hay una realidad y es que estamos a un mes y medio de enfrentar una baja de la demanda China —por las fiestas—, así como la renegociación y las exigencias adicionales de Israel que requieren inversión” de las empresas. Para el industrial, “todas esas cosas están haciendo que a igual precio y a costos en dólares crecientes, el negocio se ponga más desafiador. Al sector primario le pasa exactamente lo mismo”, reconoció Secco.

Mercado mundial más favorable para la colocación de carne vacuna Canadá se “despertó” en las últimas semanas.

21/09/2017 - En dos semanas comienza la feria de alimentos Anuga en Alemania, la que, más que un perfil europeo, tiene un carácter internacional y permite intercambiar con varios mercados para la carne uruguaya.

Alejandro Berrutti, director de Berrutti United Breeders & Packers, aseguró que en la muestra “vamos a encontrar Europa con un Euro más fuerte respecto al año pasado”, lo que significa un momento “más positivo” para la colocación de los productos y lograr buenos valores.

Sin embargo, explicó que un destino que se “despertó” en las últimas semanas, fuera del viejo continente, fue Canadá. También hizo referencia a una demanda más activa de los mercados alternativos al Nafta como la Polinesia Francesa, “un gran comprador de bife ancho”. Comentó que se trata de un mercado que “araña los valores del Nafta”.

En cuanto a China, señaló que esta semana “se ve más alegre” y contó que ya están siendo previstos los embarques de octubre y noviembre. Según Berrutti, el gigante asiático es un mercado que se ve con mayor firmeza y hasta algunos productos con valores superiores a los del primer semestre.

Mercado local. El empresario explicó que las industrias están “cautelosas” con una demanda “insatisfecha” porque “no quieren pasar los valores que los productores tantean para vender”. Explicó que las plantas están posicionadas en el eje de los US\$ 3,05 por novillos gordos en cuarta balanza. “Se están resistiendo a pasar precios de US\$ 3,10 para estas categorías”, dijo Berrutti. Para las vacas las referencias oscilan entre US\$ 2,85 a US\$ 2,90, esta última referencia con un “gran esfuerzo” de las industrias.



Acuerdo Mercosur-UE será "un antes y un después" para la ganadería

21 de setiembre de 2017

La posibilidad de que la Unión Europea y el Mercosur firmen un acuerdo de libre comercio antes de fin de año genera optimismo en el sector ganadero. Se espera conseguir un volumen adicional de carne vacuna a los que ya está enviando Uruguay dentro del Cupo 481 y Cuota Hilton, partiendo de una base de 80.000 toneladas, la última oferta presentada por la UE.

Emilio Mangarelli, integrante de la Junta Directiva INAC e integrante del Foro Mercosur de la Carne, asistirá el próximo 3 de octubre a una instancia donde se presentarán las ofertas por parte de los bloques. Viajará a Brasilia junto a otros representantes del sector privado que darán "apoyo desde el cuarto de al lado" a las autoridades de gobierno que se estarán en el proceso de negociación.

"La sensación es que pasa el tren ahora y si no lo tomás parecería que a la Unión Europea ya dejaría de interesarle el Mercosur para dedicarse a otro tipo de cosa", dijo al programa Tiempo de Cambio de radio Rural.

Para Mangarelli hay una clara posición de alcanzar un acuerdo, tanto por parte de los negociadores europeos como de los americanos. Lo seguro es que "sin una buena oferta de carne no hay acuerdo", dijo el productor, haciendo suyas las palabras del canciller Non Novoa.

Con el Brexit se presenta un escenario diferente para la UE a cuando comenzó esta negociación en 2003. Por el momento político de los dos bloques "parece ser el momento de llegar (a un acuerdo)", insistió el directivo de la Federación Rural.

La oferta

Mangarelli espera la firma de un acuerdo marque un antes y un después para la ganadería uruguaya. "Todos estos años veníamos con la expectativa de que se lograra algo. Creo que si no logramos algo este año tendremos que mirar otro tipo de cosas", apuntó.

La última oferta de la UE, presentada en 2010, eran 80.000 toneladas sin arancel, que el Mercosur no aceptó, informó Mangarelli. "Parto de esa base, que ya estaba", calculó.

"Hay que ver si ofrecen un gran cupo para todo (que incluya Hilton y Cuota 481) o si lo que ya está queda aparte y se negocia otra cosa. Si es una baja de arancel o es arancel cero", sostuvo. Sí está claro que cada vez que nos reunimos la oferta es menor, siempre han ofrecido menos volumen.

"Si hay un gran cupo sin arancel, sirve. Hay que ver cuánto y cómo", señaló, al considerar que lo ideal sería una oferta por fuera de los beneficios que ya cuenta el país, de 6.300 toneladas de Cupo Hilton y 10.000 toneladas de Cupo 481.

No se espera un resultado final en este encuentro, sino que se "mostrarán las cartas". Las próximas instancias de negociación serán, en noviembre en Brasilia, y en diciembre en Buenos Aires.

Esperan buen acuerdo con la UE para la carne

Septiembre 22, 2017 Expectativa por reunión de negociadores del Mercosur en Brasilia

Es momento de definir las ofertas en materia de carnes que se negocian con la UE, según Mangarelli.

Para la región en la que se encuentra Uruguay es clave que las negociaciones en procura de un acuerdo comercial entre la Unión Europea (UE) y el Mercosur incluyan el rubro carne. Con esa expectativa el sector espera que se avance en la reunión a cumplirse entre los negociadores de ambos bloques el 4 de octubre, en Brasilia, capital de Brasil.

La inclusión de este rubro en principio consideró inicialmente un volumen de 380 mil toneladas de carne peso embarque, enviadas desde el Mercosur a la UE, pero eso se redujo a 85 mil toneladas, según los datos citados por fuentes negociadoras de la UE.

El directivo de la Federación Rural (FR), Emilio Mangarelli, destacó a El Observador Agropecuario que prefería no manejar cifras del volumen de carne que se considera en las negociaciones, porque la oferta de relevancia es siempre la última propuesta, pero es cierto que las ofertas de la UE fueron decreciendo y por ello habrá que esperar a qué se ofrece en la reunión de octubre, sostuvo.

En su opinión, no se trata de un Tratado de Libre Comercio (TLC), sino de un acuerdo de ventajas arancelarias, en el cual se está trabajando desde 1999 y lo que ha cambiado es que ahora existe un nuevo impulso en las negociaciones, de la misma manera que hubo empujes anteriores en los años 2004, 2007 y 2010.

En esta oportunidad el reimpulso estuvo a cargo en primer lugar de Argentina y luego de Brasil, que apuraron las negociaciones, por lo cual "desde nuestra posición se ve como el momento de cerrar este acuerdo".

Momento para definir

Mangarelli mencionó que un aspecto a tener en cuenta es que es el momento de definir las ofertas y que la carne se había dejado para el final. Recordó las palabras del canciller uruguayo Rodolfo Nin Novoa, de que sin carne no hay negociación. Por lo tanto, hay que esperar a cómo se presentan las ofertas en la reunión de Brasilia.



Dijo que es importante considerar que la parte privada está unida, está fuerte y quiere negociar en bloque. La presencia de Mangarelli en Brasi, como también la que se ha anunciado por parte del sector lácteo con la participación de dos funcionarios del Instituto Nacional de la Leche (Inale), responde al pedido del canciller Nin Novoa que quería en el "cuarto de al lado" a los privados, en el momento de cumplirse las negociaciones con la representación europea.

Con relación a la forma de distribuir esa posible cuota entre los países del Mercosur, lo importante es lograr esa cuota de la UE y que "en la distribución está el Foro Mercosur de la Carne que integramos productores e industriales y que ya se puso de acuerdo", sostuvo el dirigente.

Uruguay ya ingresa a la UE con una cuota de 6.300 toneladas de carne bovina de alta calidad (Hilton) que cumple normalmente todos los años, a la vez que exporta en forma creciente para la denominada cuota 481 de carne bovina que manejan los importadores europeos. Hasta el momento este país exporta una tercera parte del volumen autorizado de 45.000 toneladas peso embarque.

El espaldarazo de Estados Unidos Apertura de carne ovina con hueso

Septiembre 22, 2017 Columna de opinión en El Observador Agropecuario

La apertura del mercado de Estados Unidos para la carne ovina con hueso, anunciada el martes 12 de setiembre pasado de manera oficial en la Rural del Prado es un logro para Uruguay mucho más trascendente de lo que parece a simple vista y merece remarcar.

Lo primero que debe recordarse es que Uruguay perdió los mercados cárnicos cuando en abril de 2001 reapareció la fiebre aftosa en el ganado bovino. Siendo el principal producto de exportación y el país una potencia mundial en carne vacuna, el hecho tuvo características de tragedia y sacudió los cimientos de una economía ya en crisis.

Correspondió al gobierno de Jorge Batlle, y especialmente al ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), Gonzalo González, la tarea de revertir la situación. El arma inicial fue la transparencia informativa y el recto proceder ante la adversidad de los servicios sanitarios, en una situación que se tornó regional.

Desde aquel momento, la carne ovina (al igual que la bovina) quedó vedada para el mercado estadounidense. Claro, Uruguay comenzó a vacunar a los bovinos contra la fiebre aftosa y la prioridad era reabrir los mercados para la carne vacuna.

De esa forma, la carne ovina quedó en un segundo plano, pese a que Uruguay nunca vacunó a los laneros contra la fiebre aftosa. Luego de más de una década en la que se fue superando el problema, primero recuperando los mercados que aceptaban la carne vacuna procedente de un país que vacunaba y luego los más exigentes que no la aceptan.

En la actualidad, a Uruguay solo le resta abrir el mercado de Japón, donde la última palabra la tiene el gobierno nipón, una vez superados todos los trámites. Se confía que la decisión se adopte en 2018.

En carne ovina quedan más escollos a superar. Las baterías estaban enfocadas en Estados Unidos, que ya había habilitado la carne ovina desosada en noviembre de 2013, momento en el cual el titular del MGAP, Tabaré Aguerre, le entregó al entonces subsecretario de Agricultura, Edward Avalos, el petitorio de la carne con hueso. Que la semana pasada, tres años y 10 meses después, se concretó.

No fue un camino fácil. Se encontró una fórmula que surgió de la lectura atenta que hicieron los representantes de Uruguay de las normas de la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE). Así se creó el denominado Compartimento Ovino, que es un espacio donde se produce con normas de bioseguridad.

Se trata de un logro en el que participó mucha gente, que es injusto no mencionar, pero siendo una iniciativa ejemplo del trabajo entre el sector público y el privado, no se puede dejar de señalar el trabajo del ex director de los Servicios Ganaderos, Francisco Muzio, y de Jorge Bonino, delegado del sector privado ante la OIE.

Ahora siguen otras etapas. A nivel productivo, acelerar la creación de nuevos compartimentos. Hay uno en marcha, en una fracción del campo del Secretariado Uruguayo de la Lana (SUL) en Cerro Colorado, Florida, que tendrá prontos 3.000 corderos para cuando, hacia fines de octubre próximo, el Frigorífico San Jacinto realice el primer embarque hacia Estados Unidos.

Hay un segundo compartimento en marcha en un campo 500 hectáreas de Colonización, en la ruta 6, en San Gabriel, Florida, cuya gestión fue encomendada a la Asociación Rural de Reboledo (ARR) y el Movimiento de la Juventud Agraria (MJA). Ese campo está en pleno acondicionamiento de su infraestructura (el compartimento funciona con un doble perímetro de seguridad ya que no puede haber contacto con vacunos) y de las pasturas. Y deberán aflorar nuevas inversiones privadas para nuevos compartimentos en distintos puntos del país.

Desde el punto de vista de los mercados, ahora empieza la validación de la experiencia comercial, en tanto se inicia un nuevo esfuerzo para abrir más mercados con la tarjeta de presentación de la habilitación de Estados Unidos.



Los primeros cartuchos se gastarán en noviembre en México, un destino ideal para ovinos adultos, y Canadá. Luego la mira estará puesta en la Unión Europea (UE), en medio de las negociaciones del Mercosur por un TLC.

No hay descanso. Al logro de Estados Unidos, que será más de prestigio que de grandes volúmenes de comercio, siguen nuevos desafíos. Pero con el gran espaldarazo que nos dio Estados Unidos.

PARAGUAY

La exportación de carne sube 15,5%

La exportación de carne bovina, de enero a agosto de este año, fue de 170.837 toneladas por US\$ FOB 727,27 millones, que representan aumentos de 3,2% en peso y 15,5% en valor, en comparación con el mismo periodo del año pasado, informó ayer el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa). Los datos indican que la carne bovina de Paraguay se ha exportado en dicho periodo a un total de 51 mercados, de los cuales cuatro son los principales, pues suman el 76% del volumen global enviado. Dichos países son Chile (40%), Rusia (19%), Brasil (10%) e Israel (6%).

El principal destino – Chile– importó 64.329 toneladas, por US\$ FOB 291,6 millones este año. Los últimos mercados operativizados fueron Ecuador y Cuba.

Los antecedentes señalan que años atrás el principal mercado de la carne paraguaya era Rusia, que llegó a acaparar incluso el 60% de los envíos. Esta vez, de enero a agosto, el gran país eurasiático compró 42.472 toneladas de carne bovina, por US\$ FOB 139,9 millones (19% del total), acorde con el informe del Senacsa.

En general, los productos y subproductos de origen animal (carne bovina, menudencias, carne porcina, aviar, subproductos comestibles y no comestibles) completan un volumen exportado, al cierre del mes anterior, de 322.018 toneladas, por US\$ 933,9 millones, siempre según las estadísticas difundidas por el Senacsa. Menudencias, carne porcina y carne aviar

En el detalle, el comercio internacional de las menudencias bovinas registró a agosto pasado un volumen de 25.230 toneladas, por US\$ 51,2 millones, un 9,3% más en toneladas y 24% más en divisas.

En cuanto a carne porcina, se enviaron a Rusia y Vietnam 1.894,3 toneladas, por US\$ FOB 3,959 millones. En el rubro avícola, la venta al extranjero de carne aviar, menudencias y despojos sumaron 2.665,3 toneladas, por US\$ FOB 2,407 millones. En este caso los mercados de destinos, en orden de importancia, fueron Vietnam, Angola, Congo, Albania, Rusia, Gabón, Haití, Togo, Mozambique y Camerún.

UNIÓN EUROPEA

Entidad de productores europeos Copa Cogeca solicita que no se incluya la carne bovina en la oferta de UE a MERCOSUR – Trascendió oferta de cuota de 85 mil toneladas

19 September 2017 EU - As trade liberalising talks between the EU and Latin American trade bloc Mercosur intensify, Copa and Cogeca hit out at plans to include beef in a potential trade deal with Mercosur, warning it would threaten quality EU beef supplies, growth and jobs in rural areas.

Speaking in Brussels, Chairman of Copa and Cogeca Beef Working Party Jean-Pierre Fleury said: "We are very worried about the move, as the Mercosur trade deal would have a severe impact on EU agriculture, especially the beef sector.

"This is particularly worrying as meat consumption has already declined by 20 per cent in the past decade and we still don't know yet the impact of Brexit on the EU agriculture sector.

"Moreover, we have some of the highest food safety and animal welfare standards in the world which imports from these countries do not have.

"We record an individual animals movements from the day it is born to the day it dies whilst in Mercosur countries only 10 per cent of the animals life is covered.

"Our system reassures consumers about the safety and quality of their meat. Beef production in Europe – especially specialized beef production – also provides growth and jobs in EU rural areas where often no alternative source of employment exists at the same time as contributing to green growth.

"Sixty million hectares of grassland, which act as a carbon sink, exist due to this economic activity."

Copa and Cogeca Secretary-General Pekka Pesonen went on to say: "We are disappointed that the EU Commission plans to include beef in a market access deal offered to Mercosur. We need fair and balanced deals on agriculture in any trade agreement.

"A new EU trade impact study confirms the catastrophic impact that a Mercosur trade deal could have on the EU beef sector, unless tariff rate quotes on imports are imposed.



"EU Agriculture Ministers have also issued warnings against making an offer on agriculture which includes sensitive agriculture products in the talks. But the Commission is going ahead with the move, without getting much in return.

"We cannot continue to use this important European sector as the bargaining chip for other areas. This agreement has to be ambitious in defending European farmers."

TheCattleSite News Desk

Entidad irlandesa (IFA) objeta el tratado de UE con MERCOSUR

TheCattleSite News Desk 20 September 2017 EU - IFA President Joe Healy and National Livestock Chairman Angus Woods met with the EU Chief negotiator for Mercosur and senior officials in Commissioner Malmstrom's Cabinet in Brussels last week to outline Ireland's strong opposition to any offer on beef which would increase access in the EU/Mercosur trade negotiations.

Mr Healy said, "IFA made it very clear to the EU Commission that now is not the time for the EU to make a new offer on Mercosur with the threat and uncertainty of Brexit and the associated impact that the sterling exchange rate is having on the beef sector, as well as the scandal in the Brazilian meat sector."

He said IFA is very strong that there can be no increase in import volumes or additional tariff rate quotas in any new offer in the Mercosur trade negotiations. The EU cannot make any new offer which will damage the EU beef sector by allowing the South Americans to cherry pick the high price EU steak market.

Mr Healy said the Mercosur countries already have very favourable access to the European market with up to 74 per cent of all EU beef imports amounting to 246,000t (carcase weight equivalent) every year.

The IFA President pointed out to the EU Commission the damage that could be inflicted on both the Irish and EU beef sector from a bad Mercosur deal. He said the EU's own Impact Assessment shows that a Mercosur deal is bad and will damage the European beef sector.

Mr Healy said, "It is essential that the quality beef suckler cow herd in Ireland, France and other EU countries must be protected and it is totally unacceptable that the EU Commission would make any offer that would undermine Europe's production base."

IFA National Livestock Chairman Angus Woods said it is incredible to think that the EU is considering an offer on beef in Mercosur with Brexit up in the air and arrests over the Brazilian meat scandal.

He said Irish and other farmers cannot understand how the EU Commission would be willing to offer Brazil and others increased access to the European beef market when they see the corruption involved in the Brazilian weak flesh meat scandal, which goes right to the top in Brazil.

In addition, the on-going failure of Brazil to meet proper European standards on traceability, food safety and animal health controls and environmental standards is a major issue that must be addressed.

Mr Woods said there are also serious environmental issues with the Mercosur trade deal around the substitution of sustainable European beef with imports from Brazil originating from the destruction of the rainforests.

Mr Woods said, "There is no room in the EU beef sector for additional imports or concessions to Mercosur. EU beef consumption is down over 20 per cent in the last decade. Concessions in Mercosur will have a devastating impact on farmers, our quality suckler cow herd and lead to job losses in rural areas."

Europeos insisten para que la carne no sea incluida en las negociaciones UE-Mercosur

Septiembre 22, 2017 Dicen que aumentar importaciones desde el Mercosur sería devastador

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador -

Los productores europeos insisten para que la carne vacuna no esté incluida dentro de un acuerdo de la UE con el Mercosur. Volvieron a solicitar a la Comisión Europea no permitir un aumento de las importaciones de carne vacuna desde el Mercosur porque tendría un "impacto devastador" en los empleos rurales y los estándares alimentarios de la UE.

La UE espera finalizar un acuerdo de libre comercio del Mercosur para finales de 2017, después de casi dos décadas de negociaciones sin avances.

Los ganaderos europeos, que ya se enfrentan a la caída de la demanda y la incertidumbre generada por el Brexit, se han mostrado firmemente opuestos a cualquier liberalización de este tipo de mercado y le han instado a la comisionada de Comercio de la UE, Cecilia Malmström, a no ceder ante la presión del Mercosur.

Los países del Mercosur ya son los mayores proveedores de carne vacuna de la UE, con una participación de hasta tres cuartas partes de las importaciones europeas del producto.

"Ahora no es el momento para que la UE haga una nueva oferta al Mercosur, con la amenaza y la incertidumbre del Brexit y el impacto asociado que tiene el cambio a la libra esterlina en el sector de la carne", dijo Joe Healy, presidente de la Irish Farmers Association (IFA) después de una reunión con miembros del gabinete de Malmström la semana pasada, informó el portal Euractiv. Además del posible impacto sobre los precios, las gremiales de productores están preocupados por el efecto que un acuerdo



de libre comercio con Mercosur podría generar sobre las normas europeas de alta calidad alimentaria y bienestar animal, además de cuestiones asociadas al medio ambiente.

Entidad irlandesa (IFA) plantea por baja de ingresos y posicionamiento ante BREXIT

18 September 2017 IRELAND - An IFA livestock delegation led by the President Joe Healy met last week with Agriculture Minister Michael Creed in Dublin to highlight the severe income and price pressure on cattle farmers.

The delegation stressed the need for a strong Government response across a range of issues, including a Budget with a strong focus on beef.

Mr Healy said the Government has signalled that the Budget will be focused on dealing with the fallout from Brexit. He said "No sector has been hit harder by Brexit than cattle farmers who are losing €2m per week because of the sterling weakness. This must be addressed in the Budget."

IFA has called for a €50 per head suckler cow payment bolt-on to the BDGP for animal welfare, as well as EU support for ongoing Brexit losses at farm level.

IFA National Livestock Chairman Angus Woods said Minister Creed agreed with the IFA position that there needs to be EU support for the Brexit losses at farm level. The Minister confirmed that he is seeking support at EU level to advance the case.

Mr Woods said Minister Creed reaffirmed his commitment to have AOs (Agricultural Officers) monitor trim and classification on a daily basis in the factories. He said IFA told the Minister that farmers are very frustrated over the delays in implementing this essential measure.

Mr Woods said IFA raised the need to increase the 30-month age limit. He said there was no longer justification for the 30-month rule and it was impacting farmers' ability to sell harder. He said the Minister should resist this condition being applied in any veterinary certs or retail specifications.

The IFA Livestock Leader said Minister Creed accepted that there needs to be more transparency and competition in the beef sector. He said a strong live export trade is essential for the livestock sector.

Mr Woods said, "Minister Creed made it clear he is very committed to supporting the live trade and every market opportunity will be fully pursued."

Support for Producer Organisations and how they can be advanced was also discussed at the meeting.

TheCattleSite News Desk

USDA pronostica un incremento en la exportación de vacuno de la UE y un parón en las de porcino

19/09/2017 El Departamento de Agricultura de EE.UU. ha hecho públicas sus previsiones de evolución para el sector vacuno y porcino de la Unión Europea de cara a finales de 2017 y 2018.

En el caso específico del vacuno, el USDA estima que durante la segunda parte de 2017 se incremente la cantidad de animales sacrificados debido a una mayor disponibilidad de ganado lechero y también a un incremento en el censo de animales en meses anteriores. Esta misma situación alcanzaría a 2018. Por tanto, para 2017 la previsión del USDA es que la UE sume una producción total de 7,89 millones de t y para 2018 se alcancen los 7,90 millones.

Esta subida de la producción llevará a un incremento de las exportaciones teniendo en el punto de mira a los terceros países sobre todo. El bloque europeo podría exportar unas 380.000 t a finales de este año 2017 y para 2018 llegar a las 420.000. En la primera mitad de este año la UE ya ha exportado un 21% más sobre todo a mercados como Hong Kong, Filipinas y Argelia. El informe cita como posibles países de desarrollo para las exportaciones de vacuno europeas Taiwan, donde Países Bajos y Suecia comenzarán a exportar a partir de octubre, y Vietnam, país con el que la UE tiene un acuerdo de libre comercio que dará comienzo en 2018.

En cuanto al porcino, el USDA apunta a una recuperación en el número de sacrificios en la segunda mitad de este año 2017 frente a la reducción del 2,1% del primer semestre. En conjunto se reduciría en un 0,5% durante todo el año 2017 y rondaría los 259 millones de animales con otra ligera reducción para 2018. El USDA asegura que la sobrecapacidad que hay en los mataderos de la UE está ocasionando una fuerte competencia por el abastecimiento de animales vivos para sacrificio, lo que estaría retrasando el descenso de los precios.

En cuanto a la producción de carne de cerdo de la UE, esta se situará en 23,4 millones de t durante 2017 y para 2018 habría una ligera reducción hasta 23,35 millones de t. En 2016 registró cifra récord con 23,5 millones de t ante la gran demanda de China e impulsada por las subidas de producción en España, Polonia e Italia. El USDA destaca cómo el bloque económico ha alcanzado ya unas ventas en China de cerca de 1,28 millones de t y para 2017 se espera que las ventas alcancen los 2,8 millones de t teniendo en cuenta todos los destinos.

Hay un capítulo especial dedicado a cómo el freno en la importación de carne de cerdo desde China puede conllevar una sobreoferta de carne dentro del mercado europeo. Esto tiene su explicación en que durante el primer semestre de 2017 las ventas a China han bajado en un 37%, casi 273.000 t y las ventas



a otros mercados no han adsorbido esta cantidad en su totalidad. De ahí que se prevea que durante 2017 las ventas fuera de la UE alcancen los 2,7 millones de t.

La explicación a la reducción de las ventas en China hay que encontrarla en la fuerte competencia de otros exportadores como EE.UU., Canadá o Brasil, entre otros, junto a una mayor competitividad del dólar frente al euro.

En el informe del USDA se habla incluso de la reactivación del almacenamiento privado de carne de cerdo.

Para España, el USDA estima que crecerá el consumo este año debido a las buenas cifras del turismo. Frente a esto, otro de los principales productores, Alemania, verá reducida su demanda interna y también situaciones problemáticas por temas relacionados con el bienestar animal. Esto podría conllevar una reducción del precio del ganado porcino y de los lechones haciendo previsible de cara a 2018 una reducción en la oferta de ganado y del número de sacrificios a realizar.

Comunicado de prensa : Entra en vigencia el Acuerdo entre UE y CANADÁ

Brussels, 20 September 2017 On Thursday, 21 September, the Comprehensive Economic and Trade Agreement (CETA) between the EU and Canada enters into force provisionally.

Welcoming this milestone in the EU's trade policy, President of the European Commission Jean-Claude Juncker said: "This agreement encapsulates what we want our trade policy to be - an instrument for growth that benefits European companies and citizens, but also a tool to project our values, harness globalisation and shape global trade rules. This trade deal has been subject to an in-depth parliamentary scrutiny which reflects the increased interest of citizens in trade policy. The intense exchanges on CETA throughout this process are testimony to the democratic nature of European decision making and I expect Member States to conduct an inclusive and thorough discussion in the context of the ongoing national ratification processes of the agreement. Now it's time for our companies and citizens to make the most out of this opportunity and for everyone to see how our trade policy can produce tangible benefits for everyone".

Commissioner for Trade Cecilia Malmström said: "Things are about to change for our exporters. The provisional entry into force allows EU companies and citizens to start reaping the benefits of this agreement right away. This is a positive signal for the global economy, with the potential to boost economic growth and create jobs. CETA is a modern and progressive agreement, underlining our commitment to free and fair trade based on values. It helps us shape globalisation and the rules that govern global commerce. Moreover, CETA underlines our strong commitment to sustainable development and protects the ability of our governments to regulate in the public interest. This agreement also vastly strengthens our relationship with Canada, a strategic partner and ally with whom we have deep historical and cultural ties."

The provisional application of CETA on 21 September follows its approval by EU Member States, expressed in the Council, and by the European Parliament.

It will only enter into force fully and definitively, however, when all EU Member States have ratified the Agreement. The Commission will work with EU Member States and Canada to ensure its smooth and effective implementation.

What will CETA do?

CETA offers new opportunities for EU businesses of all sizes to export to Canada. It will save EU businesses €590 million a year – the amount they pay in tariffs on goods exported to Canada. As of 21 September CETA removes duties on 98% of products (tariff lines) that the EU trades with Canada. It also gives EU companies the best access ever offered to companies from outside Canada to bid on the country's public procurement contracts - not just at the federal level but at provincial and municipal levels, too.

The agreement will especially benefit smaller companies who can least afford the cost of the red tape involved in exporting to Canada. Small businesses will save time and money, for example, by avoiding duplicative product testing requirements, lengthy customs procedures and costly legal fees. Member States' authorities dealing with export promotion stand ready to help businesses to start exporting overseas, boost existing trade, and attract investment.

CETA will create new opportunities for European farmers and food producers, while fully protecting the EU's sensitive sectors. The EU has further opened its market for certain competing Canadian products in a limited and calibrated way, while securing improved access to the Canadian market for important European export products. Those include cheese, wine and spirits, fruit and vegetables, and processed products. CETA will also protect 143 EU "geographical indications" in Canada, high quality regional food and drink products.

The EU's 500 million consumers will also benefit from CETA. The agreement offers greater choice while upholding European standards, as only products and services that fully respect all EU regulations will be able to enter the EU market. CETA will not change the way the EU regulates food safety, including genetically modified products or the ban on hormone-treated beef.



The agreement also offers better legal certainty in the service economy, greater mobility for company employees, and a framework to enable the mutual recognition of professional qualifications, from architects to crane operators.

Moreover, EU Member States can continue to organise public services as they wish. A Joint Interpretative Instrument, which will have legal force, has further clarified this and other issues. It clearly and unambiguously outlines what Canada and the EU have agreed in a number of CETA articles.

Procedure and next steps

The EU and Canada signed CETA on 30 October 2016, following the EU Member States' approval expressed in the Council. On 15 February the European Parliament gave also its consent. On 16 May 2017 the Canadian side ratified CETA. This paved the way for provisional application as soon as Canada adopted all the necessary implementing rules.

CETA will be fully implemented once all EU Member States ratify the deal according to their respective constitutional requirements. At the time CETA will take full effect, a new and improved Investment Court System will replace the current investor-state dispute settlement (ISDS) mechanism that exists in many bilateral trade agreements negotiated in the past by EU Member States' governments. The new mechanism will be transparent and not based on ad hoc tribunals.

Background

The framework for the EU-Canada relationship is set out in the Strategic Partnership Agreement (SPA), which allows for reinforced cooperation in strategic areas of shared interest and responsibility such as climate, security and foreign and security policy. The Strategic Partnership Agreement has been provisionally applied since 1 April 2017 and, together with CETA, enables an even further deepening of EU-Canada relations.

The EU's free trade agreements have been proven to spur European growth and jobs. One example is the EU-South Korea trade deal. Since it entered into force in 2011, EU exports to South Korea have increased by more than 55%, exports of certain agricultural products have risen by 70%, EU car sales in South Korea have tripled and the trade deficit turned into a surplus. This agreement was also applied provisionally for several years following EU-level ratification, pending its ratification by all EU Member States.

31 million jobs in Europe depend on exports. On average, each additional €1 billion of exports supports 14 000 jobs in the EU.

Entidades empresarias piden que se actúe frente a los productos que utilizan el nombre de derivados cárnicos sin contener carne

19/09/2017 Varias organizaciones empresariales y ganaderas europeas (AVEC, Clitravi, European Meat Network, IBC y Copa-Cogeca) han enviado una carta al comisario europeo de Agricultura, Phil Hogan, y al comisario de Sanidad, Vytenis Andriukaitis, donde piden que la Comisión Europea actúe para defender los derivados cárnicos frente a otros productos con contenido vegetal que utilizan su nombre.

De acuerdo con las organizaciones, hoy en día en el mercado hay una gran cantidad de productos alimentarios en cuyo etiquetado e hace referencia a derivados cárnicos, nombres de distintos cortes de carne, etc, contraviniendo el Reglamento (CE) 1169/2011 sobre el etiquetado alimentario ya que no contienen carne en su formulación.

Uno de los ejemplos más claros de esto es la sentencia del Tribunal de Justicia de la UE en la que protege a la leche, la mantequilla y la nata frente a la utilización de estos términos para su "comercialización estándar" frente a otros a base de soja, por ejemplo.

Por ello, las organizaciones piden un tratamiento similar para las designaciones de productos que utilizan el nombre d derivados cárnicos sin contener carne.

ESTADOS UNIDOS

Existencias en feed lots prevén incremento del 2 por ciento

21 September 2017 US - USDA's National Agricultural Statistics Service (NASS) releases their monthly "Cattle on Feed" report this Friday, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

The on-feed animal count will be as of 1 September and the animals placed and marketed will be for August. As a reminder, this report is for all US feedlots with 1000 head or more capacity and animals that are "on full feed for slaughter."

All three of the industry analyst categories compiled into pre-report estimates have wide ranges compared to typical (see the provided table which was developed by Urner Barry). The wide ranges in head placed and marketed combine to give the range of 1 September on-feed estimates.

The average on-feed estimate is 2.7 per cent above a year ago. Last month, as of 1 August, that year-over-year increase was 4.3 per cent. That's a larger than normal drop between August and September.



Even though drought in the northern High Plains likely continued to push animals into feedlots, most other major US cow-calf states have had rather good pasture and range conditions during August. A year ago (August 2016), the number of cattle placed into feedlots was large.

On average, industry analysts expect that a more typical placement level occurred this year. Still, there is considerable uncertainty about both the head and weights of animals placed into feedlots last month.

In fact, arguments can be made for head placed to be well above 2016's, given several factors, including: drought in the northern High Plains;

highly profitable closeouts on fed cattle sold from January through July;

potentially more heifers placed than a year ago. In turn, some indications are for lower placements well below the average estimate.

August feedlot marketing's remained robust and well above 2016's. In terms of head, the average of the pre-report estimates is 1.981 million animals marketed during August, which is only slightly below June's (the highest of this year).

Looking ahead, with the larger US calf crop to be weaned this fall and more heifers placed on-feed than a year earlier, year-over-year increases in animals placed on-feed should be anticipated in most months during the balance of this calendar year and throughout 2018.

Aumenta la faena de vacas y toros

19 September 2017 US - While hog producers have shown few signs of liquidation, the pace of cow/bull slaughter has increased significantly in the last three months, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

For the last six weeks, cow/bull slaughter was a total 730,700 head, 11.2 per cent higher than a year ago. Beef cow slaughter during this period is up some 39,000 head (+14.2 per cent) while dairy cow slaughter is up 23,000 head (+7.2 per cent).

Large placements of cattle on feed in March, April and May continue to fuel weekly fed slaughter, which last week was the largest so far this year. We are waiting for the latest USDA estimates but we think last week fed slaughter was 519,000 head, 5.6 per cent higher than a year ago.

Prior to this week, the largest weekly fed slaughter week was 24 June, with 516,000 head. The choice beef cutout was for the most part steady last week despite the steady erosion in the value of 50CL beef trimmings.

Large weekly slaughter and seasonally higher fed cattle weights have increased the supply of fat trim in the spot market. But the cutout continues to be supported by robust prices for end cuts. Prices for middle meats holding steady.

Export business appears to be in pretty good shape (based on weekly export volumes and we expect to see another round of strong forward sales when the comprehensive cutout comes out).

VARIOS

CANADÁ: proyectan ligero incremento en la producción de carnes bovinas

22 September 2017 US - Livestock, meat, and byproduct (tallow, hide, etc.) markets are highly linked across North America (US, Canada, and Mexico). Today, we highlight recent data and reports regarding Canada and Mexico, writes Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

We begin with an overview of the monthly Canadian cattle on feed data which are collected and published by CanFax (see their website here). Then we glean some points from the recently released livestock sector reports on Canada and Mexico by USDA's Foreign Agriculture Service (FAS), called GAIN reports.

GAIN reports are developed by specialists at US embassies. The new Canadian report is available here, and the one on Mexico is here. Those reports cover both the cattle/beef and hog/pork sectors.

The Canadian Cattle on Feed survey includes feedlots in two provinces, Alberta and Saskatchewan (see graphic). As of 1 September, the on-feed count was up 5.3 per cent (30,500 head) year-over-year and was similar to the prior 5-year average (2011-15). Both animals marketed by feedlots and placed on-feed have been above a year ago for several consecutive months.

In recent months, declining feeder animal exports to the US have increased supplies available in western Canada. Further, drought bolstered placements of animals during August as yearling animals came off grasslands earlier than normal.

Per the FAS report on Canada, cattle numbers had been expected to increase some in 2017. However, those projections have been revised downward based on the 1 July (mid-year) inventory data. Further, the FAS suggests little if any cattle herd expansion in 2018. In contrast, the Canadian swine sector is forecast to continue growing throughout 2018.

Canadian beef production in 2018 is forecast to increase slightly (up 0.4 per cent) following a projected 2.2 per cent rise in 2017. For pork, both increases in slaughter levels and carcass weights are forecast,



resulting in tonnage produced in 2017 up 2.5 per cent year-over-year. In 2018, pork output is expected to continue to uptick (rising 2.0 per cent from 2017's).

Mexico's livestock sectors are steadily growing. The 2017 calf crop increased about 300,000 head (4.2 per cent) year-over-year. Next years (2018's) calf crop is forecast at 7.5 million head (up 1.4 per cent from 2017's).

Production may increase more than the calf crop in percentage terms, because more cattle are in feedlots and also are being slaughtered at heavier weights than previously, as they are on-feed for more time.

Turing to the trade picture, FAS reported that Canadian cattle exports to the US in 2017 would be the smallest in five years, bumper crops and low feedstuff costs kept feeder animals in Canada. But, live cattle exports are expected to be higher in 2018.

Exports of hogs and pigs to the US should post year-over-year gains driven by new US slaughter plants.

Canadian pork exports worldwide are forecast to continue growing. To meet Mexican domestic pork needs, imported tonnage from the US is forecast to continue higher (see graph through 2016).

Beef purchases from the US by Mexico are expected to post year-over-year gains in 2018, driven by their higher income consumers.

TAIWAN habilita nuevamente las exportaciones de carnes bovinas de JAPON

20 September 2017 - Taiwan's food safety authority has lifted its 16-year-old import ban on Japanese beef. The Japan News reports that the ban was canceled on Monday with conditions, such as only allowing imports on beef from cows aged 30 months or younger.

Taiwan banned beef imports from Japan following the outbreak of bovine spongiform encephalopathy, or mad cow disease, in the country in September 2001.

The restriction was removed amid high popularity of Japanese beef, particularly wagyu.

Since the ban was slapped on the product, there have been many attempts to smuggle wagyu from Japan, people familiar with the matter said.

According to Japanese government data, around 20 tons of beef were exported to Taiwan each year in the late 1990s.

Imports cover some 90 per cent of beef demand in Taiwan.

EMPRESARIAS

Marfrig continúa expandiéndose en Brasil

21 de setiembre de 2017 El frigorífico Marfrig Global Foods S.A. se encuentra finalizando negociaciones para arrendar dos plantas en Mato Grosso. Con una capacidad de faena de 1.500 y 1.000 cabezas, ubicadas en los municipios de Monte Verde y Puentes y Lacerda respectivamente.

Ambas plantas estaban siendo arrendadas por JBS, y la expectativa es que las tratativas sean definidas la semana próxima.

Marfrig no confirmó la información. Sólo afirmó, por medio de su asesoría de prensa, "que está analizando la posibilidad de apertura de nuevas unidades frigoríficas en Mato Grosso".

La empresa está aprovechando la mayor oferta de ganado y las mayores oportunidades que le ofrece la situación compleja de JBS para aumentar los sacrificios de bovinos en Brasil. A principios de esta semana Marfrig reabrió una unidad en el municipio de Paranaíba, en Mato Grosso do Sul, que tiene una capacidad de faena de 700 cabezas por día.

A principios de julio, Marfrig ya había anunciado la reapertura de sus frigoríficos en Pirenópolis (GO) y Nova Xavantina (MT) y la ampliación de los sacrificios en otras cuatro unidades ubicadas en los estados de Goiás, Pará, Mato Grosso y Rondônia. En total, se estima que la compañía ha ampliado su capacidad de sacrificio en un 50% en los últimos meses.

La compañía tiene 47 plantas de procesamiento, centros de distribución y oficinas en Brasil y en otros 11 países. Tiene una capacidad anual de producción de casi 1 millón de toneladas de alimentos industrializados y de procesamiento de 5 millones de cabezas de ganado, casi 500 millones de pollos, 8,8 millones de pavos y 3 millones de ovinos. Se concluyó el segundo trimestre con ingresos netos consolidados de US\$ 1,4 billones.

BNDES rechaza el cambio de CEO de JBS y los Batista se resisten a retirarse

21 de setiembre de 2017 Luego de varios escándalos de corrupción, el grupo JBS está ahora al mando de José Batista Sobrinho, fundador del grupo y nuevo CEO de la multinacional tras el procesamiento de sus hijos.

El Banco Nacional de Desarrollo Económico y Social (BNDES), segundo mayor accionista de JBS, ha marcado distancias con la familia Batista luego de los escándalos de corrupción que han implicado a varios políticos, incluido Temer.



El presidente del BNDES, Paulo Rabello de Castro, se mostró en desacuerdo con la "rapidez" con la que fue convocada la reunión del consejo de administradores realizada el pasado sábado.

A raíz de estas declaraciones, JBS mediante una carta, amenaza con procesar al BNDES y su presidente. El documento de JBS argumenta que, como accionista de la compañía, con el 21% de las acciones, frente al 42% de la familia Batista, el BNDES tiene el deber de actuar de acuerdo con los intereses de la empresa, siendo responsable de eventuales daños causados.

El BNDES dijo que no se manifestaría sobre el asunto porque aún no había recibido la carta de la JBS.

Al asumir José Batista Sobrinho como CEO de JBS (decisión unánime del consejo de administración), la multinacional perdió unos US\$ 304 millones de dólares en un sólo día.

CPMI investigará ejecutivos de JBS, BNDES y miembros del MPF

La Comisión Parlamentaria Mixta de Investigación de JBS (CPMI) investiga contratos de la empresa con el BNDES y el acuerdo de delación premiada entre los hermanos Batista y el Ministerio Público Federal (MPF).

Entre los nombres a ser convocados para dar declaraciones al parlamento están los de los hermanos Joesley y Wesley Batista. También figura en la lista el ex procurador general de la República Rodrigo Janot.

La comisión debe determinar cómo se realizaron operaciones de concesión de beneficios en financiaciones realizadas entre JBS y el BNDES.

Zé Mineiro, fundador de JBS es su nuevo presidente

19/09/17 - por Equipe BeefPoint O comando executivo da JBS voltou para as mãos do fundador da empresa, José Batista Sobrinho, de 84 anos, também conhecido como Zé Mineiro. O patriarca é pai de Wesley e Joesley Batista e estava afastado desde a década de 80 da gestão operacional da empresa batizada com as iniciais de seu nome.

"Fico orgulhoso de reassumir a empresa que fundei", afirmou José Batista Sobrinho, em comunicado divulgado pela JBS. "Tenho muita confiança no desempenho da nossa liderança, em todos os nossos gestores e nos nossos 235 mil colaboradores."

Batista Sobrinho criou a empresa em 1953 como um pequeno açougue em Anápolis (GO) e foi seu primeiro presidente. Ele passou o comando dos negócios a seus filhos ainda na década de 80, mas se manteve como membro do conselho de administração da companhia desde a abertura de capital da JBS, em 2007.

Entre a década de 80 e início dos anos 2000, o comando ficou a cargo do filho mais velho José Batista Júnior. A partir de 2005, a direção passou a ser compartilhada pelos irmãos Joesley e Wesley, período de maior expansão da companhia, que com o apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) se tornou a maior empresa de carnes do mundo e o maior grupo provado do país.

Carreira empresarial

A trajetória empresarial de Zé Mineiro começou com um pequeno abatedouro no interior de Goiás. Em vídeo publicado pelo grupo J&F em 2014, ele narra que até o final dos anos 50 abatia apenas de 25 a 30 bois por dia.

"Brasília o chamativo foi esse, um consumo grande e os 4 anos livres de impostos que o Juscelino [Kubitschek] deu para os fornecedores irem para lá", conta no vídeo. O grande salto veio com a construção de Brasília, quando o empresário decidiu apostar no fornecimento de carne para os canteiros de obra.

A empresa adotou o nome Friboi em 1970, com a compra da sua primeira unidade frigorífica na cidade de Formosa (GO). A marca nasceu da sugestão de um amigo de Batista Sobrinho e vem da junção das palavras frigorífico e boi.

O início das vendas para outras regiões do Brasil começou no início dos anos 80, com a compra do frigorífico de Planaltina-DF. Começava ali a estratégia de crescimento via aquisição de outras unidades, acelerada nos anos seguintes pelos filhos.

"A pessoa para vencer na vida tem que ter uma garra, alguma coisa diferente. Como estudei muito pouco, o que eu posso oferecer de mim é garra, pontualidade e determinação", afirma Batista Sobrinho no vídeo feito em comemoração aos 60 anos do grupo.

Salto se deu após os anos 2000

As primeiras exportações de carne in natura da JBS vieram somente em 1997. O grande salto, no entanto, veio a partir do começo dos anos 2000, quando a empresa mudou o nome de Friboi para JBS, abriu o capital, e deu início a um processo de internacionalização com o apoio do BNDES.

A JBS foi uma das beneficiadas pela chamada política de campeões nacionais do BNDES, que tinha como premissa financiar a internacionalização de grupos brasileiros. Além de financiar o grupo, o BNDES comprou uma participação na JBS por meio da BNDESpAr – braço do banco estatal que compra participações em empresas. Hoje o BNDES é dono de 21,3% da JBS.



Capitalizado com crédito e dinheiro dos novos sócios, o JBS foi às compras. Em março de 2007, o grupo anunciava a compra da norte-americana Swift por US\$ 1,4 bilhão, se tornando a maior empresa do mundo de alimentos de origem bovina.

Começava a partir daí uma trajetória de rápida expansão internacional, que incluiria a aquisição de outras gigantes como a Pilgrim's Pride (empresa de frangos nos EUA) e do frigorífico brasileiro Bertin e da Seara, passando a ser também a maior produtora global de carne de aves.

Vários ativos, entretanto, foram colocados à venda pelo grupo brasileiro após o estouro do escândalo de corrupção.

A JBS, uma das empresas controladas pela família Batista, anunciou em 20 de junho um plano de desinvestimentos que a permitiria levantar até R\$ 6 bilhões.

Fonte: G1, adaptada pela Equipe BeefPoint.

JBS acciones caen en un día con noticias negativas para los hermanos Batista

22/09/17 - por Equipe BeefPoint Em um dia de baixas na B3 e de notícias negativas envolvendo os irmãos Joesley e Wesley Batista, as ações da JBS voltaram a recuar e a afetar o valor de mercado da companhia. Os papéis caíram 1,08%, ampliando as quedas acumuladas em setembro para 4,96%, este ano para 27,46% e nos últimos 12 meses, para 32,24%. Presos preventivamente em São Paulo, os irmãos foram indiciados ontem pela Polícia Federal por uso de informações privilegiadas em operações no mercado financeiro antes do teor de suas delações à Procuradoria Geral da República vir à tona, em 17 de maio.

A defesa dos Batista também teve o pedido de habeas corpus de ambos negado pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ), mas informou que iria recorrer no Supremo Tribunal Federal (STF) até hoje. "É injusta e lamentável a prisão preventiva de alguém que sempre esteve à disposição da Justiça, prestou depoimentos e apresentou todos os documentos requeridos", afirma comunicado divulgado pelo advogado Pierpaolo Bottini.

Em Brasília, a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) do Congresso aprovou a convocação de Joesley e Wesley. O ex-presidente do BNDES Luciano Coutinho também foi convocado, além outros executivos da empresa e de sua holding controladora.

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Mercados liquidan productos de la marca Friboi

21/09/17 - por Equipe BeefPoint Depois de passar meses em uma espécie de ostracismo, a marca Friboi, principal nome da linha de produtos da JBS, voltou a aparecer nos folhetos de ofertas que supermercados e atacarejos distribuem a seus clientes.

Nas últimas semanas, a rede Extra destacou peças de contrafilé e alcatra Friboi em seu encarte com anúncios de promoções. A rede Guanabara, do Rio, também voltou a expor a marca -a mais recente foi na quinta-feira (14), já após a prisão de Wesley Batista, presidente da JBS.

Roldão, Makro e Dia também são alguns dos mercados que expuseram recentemente em seus tabloides de ofertas as carnes da Friboi, marca que vinha sendo evitada desde que a delação dos irmãos Wesley e Joesley Batista revelou os atos de corrupção praticados pela cúpula da JBS, em maio.

"Essas veiculações tiveram grande redução em junho e julho. A partir de agosto voltaram a ser mais frequentes", diz Marília Taboada, administradora do site Ofertas de Supermercados, que fez levantamento da presença da marca Friboi nos tabloides.

A confecção dos tabloides é realizada pelos varejistas, que consultam os fabricantes sobre o interesse em anunciar promoções a cada edição, cobrando por isso.

As negociações comerciais entre varejo e indústria costumam ser fechadas em pacotes que abrangem todos o material de comunicação para promoções de produtos, incluindo anúncios em TV, rádio, impressos e internet.

Quando começaram os ataques de consumidores à Friboi, a JBS recuou a exposição da marca. Em substituição, ela passou a exibir mais outros nomes do portfólio, como Maturatta e Do Chef.

Nas últimas semanas, a empresa voltou a solicitar a inserção dos itens Friboi nos encartes dos distribuidores.

Procurada, a JBS diz que "o marketing de ponto de venda é utilizado pela Friboi de modo recorrente há anos, não havendo nenhuma iniciativa extraordinária ou inédita em andamento".

Para Marco Quintarelli, especialista em varejo da consultoria Azo, é precipitado voltar a explorar já a marca Friboi. "Com o tempo, as pessoas esquecem, mas ainda é cedo para voltar a trabalhar a marca com ênfase pois o caso JBS ainda está em evidência."

Para o publicitário Márcio Oliveira, presidente da Lew'Lara/TBWA, que já trabalhou no posicionamento da marca Friboi, o setor como um todo passa por um momento em que precisa mostrar atitudes e processos novos para reconquistar a confiança.

Fonte: Folha São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint



BRF – reabilitan para exportación una planta

22 de setembro de 2017 - Unidade estava impedida embarcar seus produtos desde a Operação Carne Fraca, em março

O Ministério da Agricultura autorizou desde quarta, 20 de setembro, a retomada das exportações pela BRF a partir de seu frigorífico localizado em Mineiros (SIF 1010), em Goiás. A empresa informa, em nota, que espera, com isso, receber nos próximos meses missões comerciais de fora do Brasil para conduzir vistorias técnicas que precedem o processo de habilitação da planta e, conseqüentemente, o início das exportações.

Atualmente, a unidade produz cerca de 7 toneladas de alimento por mês e emprega aproximadamente 2.000 pessoas. Segundo a BRF, o impacto positivo da retomada das exportações não ficará limitado às operações industriais.

Os reflexos dessa nova realidade também serão sentidos no campo, onde a companhia mantém a criação das aves em parceria com produtores integrados.

A unidade estava impedida de exportar desde a operação Carne Fraca, da Polícia Federal, deflagrada em meados de março passado. A operação apura o envolvimento de fiscais do Ministério da Agricultura em um esquema de liberação de licenças e fiscalização irregular de frigoríficos.